

## Possíveis ressonâncias

### Comentário à entrevista de Carlos Vogt

Antonio Muniz de Rezende\*

**Resumo:** Ao comentar a entrevista de Carlos Vogt à *RBP*, o autor faz considerações sobre a epistemologia da psicanálise, em diálogo com as outras ciências, enfatizando sua originalidade. A título de exemplo, menciona a questão da verdade na investigação psicanalítica, tanto na forma de coerência como de correspondência e consenso simbólico. Retomando uma das idéias de Vogt, o autor comenta o uso da analogia simbólica, principalmente na psicanálise de Bion e Melanie Klein. Termina recomendando a continuidade do diálogo com Vogt a respeito desses e outros assuntos abordados por ele.

**Palavras-chave:** epistemologia da psicanálise; analogia simbólica; verdade; diálogo interdisciplinar.

1. Foi com prazer que li a entrevista que o prof. Carlos Vogt concedeu à *Revista Brasileira de Psicanálise*. Achei interessantes as considerações que fez sobre o estatuto da ciência, na fase atual de sua história, e as conseqüências que tirou para o caso da psicanálise. Este é um assunto que me interessa particularmente, a ponto de lhe ter dedicado vários dos cursos que ministrei ao longo dos anos na SBPSP. Em três deles mais especialmente, estudei assuntos que também o prof. Vogt abordou em sua entrevista: *O paradoxo da psicanálise, uma ciência pós-paradigmática, A psicanálise “atual” na interface das “novas” ciências e A metapsicanálise de Bion além dos modelos*.

Nesses livros, tentei discutir o estatuto científico da psicanálise de dentro para fora. Com isso quero dizer que, embora a psicanálise possa ser estudada por alguém que não a pratica, a discussão de sua condição científica pode revelar aspectos surpreendentes quando feita por alguém que a põe em prática. Em todo caso, vem-me espontaneamente à memória a frase em que Bion fala ao mesmo tempo de uma “ciência da psicanálise e de uma psicanálise da ciência”. O que ele estava querendo dizer é que uma “ciência psicanalisada” tem melhores condições de reconhecer a cientificidade da psicanálise, mesmo do ponto de vista teórico. Neste momento, no entanto, não vou falar sobre a epistemologia da psicanálise em geral, mas apontar dois assuntos em que também o prof. Vogt tocou e que talvez possam servir como exemplo da originalidade da psicanálise, especialmente da bioniana. Refiro-me, por um lado, à questão da analogia simbólica, e por outro à questão da verdade.

\* Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo SBPSP.

2. Começo por este segundo aspecto, que desenvolvi no livro intitulado *A questão da verdade na investigação psicanalítica*, e chamo a atenção para o aspecto terapêutico da *questão*, como costume afirmar na seguinte frase: “Mais que cura, a psicanálise é procura. E se alguma cura existe, ela consiste em manter a procura até o fim”. Nesse sentido, a *questão* da verdade, de acordo com a etimologia latina da palavra *quaestio*, derivada do verbo *quaerere*, significa “procura” ou mesmo “investigação”.

Essa é uma tomada de posição que tem muito a ver com o que Heidegger nos diz a respeito de um a “verdade que nos dá as costas”. Ela vai à nossa frente, abrindo caminho, e nós atrás dela sem a vermos de frente. Nesse sentido, a verdade se mostra e se esconde ao mesmo tempo. Mas nós *sentimos* que vale a pena seguir atrás dela. O senso da verdade é que nos torna verdadeiros, como seguidores que, ao segui-la, vão também percorrendo um caminho próprio. Mais uma vez, isso nos lembra o poema de Antonio Machado, que nos fala do caminhante que faz seu caminho ao andar.

Por isso mesmo falamos não tanto da verdade em termos objetivos e absolutos, mas de uma experiência psicanalítica de busca da verdade. E, a esse propósito, a psicanálise estabelece um diálogo com as outras ciências – que também buscam a verdade! –, a partir da maneira como cada uma procede em sua busca. Adotando uma terminologia sugerida pelo prof. Jean Ladrière, da Universidade Católica de Louvain, na Bélgica: para as ciências formais, a verdade é *coerência*; para as ciências empírico-formais, é *correspondência*; para as ciências humanas, é *consenso* simbólico.

A psicanálise tem sua maneira peculiar de praticar essas três formas de busca da verdade; por exemplo, mostrando como o esquizo-paranóide tem problemas com a *coerência* de seus pensamentos, uma vez que sua peculiaridade é precisamente um ataque aos elos, aos laços, seja entre pessoas, seja entre conceitos. Em outras palavras, a lógica do esquizofrênico é surpreendente, uma vez que pretende ser coerente com sua incoerência de natureza emocional.

A respeito da verdade como *correspondência*, entenda-se, entre o discurso e o referente, ou melhor, entre o dito e o real objetivo, o grande assunto encarado pela psicanálise são as diversas manifestações da *psicose* como ataque à realidade. No conflito existente entre o princípio de prazer e o princípio de realidade, o psicótico tem problemas principalmente com a realidade, do jeito que ela é, mas também do jeito como a percebe. A investigação da verdade, no caso do psicótico, comporta não apenas um exame dos vícios da percepção, mas também e principalmente uma análise de sua pretensão a fazer com que a realidade seja do jeito que ele quer. Todo leitor de Freud lembra-se espontaneamente do exemplo do presidente Schreber, que queria fazer um mundo melhor que “este que Deus fez”.

Finalmente, a busca da verdade como *consenso simbólico*, no caso das ciências humanas, é encarada pela psicanálise como um de seus maiores desafios, uma vez que implica precisamente as dificuldades dos relacionamentos intersubjetivos. As diversas formas do comportamento *neurótico* estimulado pela interferência do imaginário comprometem um bom entendimento não apenas das pessoas, mas dos diversos grupos, dentro das diversas culturas. Por exemplo, não devemos confundir consenso simbólico e conchavo político, tal como adotado estrategicamente em diversas situações da vida sociopolítica. Em outras palavras, a psicanálise tem sua maneira peculiar de lidar com a questão da verdade,

mesmo quando dialoga com as outras ciências, sejam as formais, as empírico-formais ou as humanas.

Mais ainda, ela tem sua própria contribuição a dar, a partir da maneira mais original como pretende fazer uma experiência tipicamente psicanalítica da verdade como *desvelamento, recordação e concordância*.

Para a experiência da verdade como *desvelamento*, a referência psicanalítica é o próprio trato (e tratamento!) com o inconsciente recalcado, reprimido, e as várias formas de encobrimento de que o sujeito do inconsciente lança mão para se ocultar. A busca da verdade, em termos de desvelamento, consiste nas diversas tentativas de des-encobrir tudo aquilo que, por diversos motivos, o sujeito do inconsciente preferia manter oculto.

Já a experiência da verdade como *recordação*, no prolongamento da primeira (como desvelamento), tem tudo a ver com o que Heidegger (e Melanie Klein) nos ensinam a respeito da gratidão que não esquece. De maneira extremamente bela e comovente, Heidegger se pergunta: “O que significa pensar?” (*Was heisst denken?*), e responde dizendo que “Pensar significa ser grato” (*Denken heisst Danken*). Não por acaso, Melanie Klein prossegue falando de *Inveja e gratidão*, a primeira em função da pulsão de morte, a segunda em função da pulsão de vida. A experiência da verdade como *recordação* consiste em conservar no coração a lembrança de tudo aquilo que a vida nos deu de bom, sem nos deixarmos deprimir pelo que nos aconteceu de mau. *Gracias a la vida, que me ha dado tanto* não deixa de ser uma expressão da experiência da verdade.

Por último, a verdade como *concordância* é a forma psicanalítica do consenso simbólico entre personalidades que fizeram ou estão fazendo a experiência do desvelamento e da recordação. Uma no prolongamento da outra, transformando a experiência psicanalítica numa extraordinária ocasião de busca da verdade em todas as suas formas. E, quando isso acontece, tanto Melanie Klein nos fala de desenvolvimento, como Bion nos fala de expansão do universo mental.

3. Eu teria muito mais coisas a dizer, com outras *ressonâncias* bionianas a respeito da “questão da verdade na investigação psicanalítica”. Mas gostaria de acrescentar pelo menos mais algumas linhas a respeito do segundo aspecto para o qual a entrevista do Vogt chamou minha atenção: a questão da analogia simbólica.

Minha primeira observação é no sentido de reconhecer como as duas questões se acham intimamente entrelaçadas, a ponto de a compreensão de uma depender da compreensão da outra. A questão da verdade depende da analogia simbólica, e esta é um prolongamento da questão da verdade.

Em relação à analogia, seria bom lembrar a distinção que os antigos (desde Aristóteles) faziam entre a analogia do ser e a analogia das palavras. Embora, pelo menos a partir de Kant a “questão das palavras” tenha por assim dizer dispensado a “questão do ser”, a psicanálise, principalmente kleiniana e bioniana, continua mostrando a continuidade entre as duas questões de maneira muito original. Um exemplo bastante simples e espontâneo é quando dizemos que “o paciente é como se fosse um bebê, o analista como se fosse uma mãe”. Espontaneamente todo psicanalista sublinha o *como se*. O paciente é *como se* fosse um bebê, mas não é. O que é então? Dessa forma a comparação permite ir mais longe, de acordo com o que Hegel chamava de *aufhebung*, para se referir à dinâmica característica de uma situação dialética.

No entanto, o verdadeiro alcance da analogia está não tanto na comparação dos quatro termos – paciente, bebê, analista, mãe –, mas das relações que se estabelecem entre as duplas. Na realidade uma *proporção* que assim se escreve  $A:B::Y:X$  – A está para B, assim como Y está X. No aprofundamento psicanalítico de semelhante proporção, Melanie Klein desenvolveu os principais aspectos de sua teoria das *relações* objetais. E Bion depois dela, desenvolveu sua teoria (e prática) das *funções*, a começar pela função alfa, conotando o elemento continente-contido, e a postura de *rêverie* transformadora das identificações projetivas.

O que tudo isso significa como desdobramento da analogia? Significa muito precisamente não adotar a postura sugerida a partir de Kant, no sentido de ficarmos apenas com a analogia das palavras sem levar em conta a analogia do ser. Isto seja dito sem desconhecermos o fato de que Lacan pelo menos parece ter aceitado a proposta kantiana, adotando não apenas a contribuição de Saussure, mas aplicando-a de forma originalíssima em sua maneira de analisar um “inconsciente que se estrutura como linguagem”.

Circunstancialmente, pude acompanhar de perto as primeiras repercussões do *Rapport de Rome* de 1953 (pois eu morava lá, fazendo o doutorado de teologia no *Angelicum*). Mas pude também acompanhar de perto as repercussões do que André Green escreveu em seu *Rapport de Paris* de 1970 (ano em que me encontrava em Louvain, cursando o doutorado em filosofia na UCL). Enquanto Lacan enfatizava a análise lingüística do discurso do inconsciente (estruturado como linguagem), André Green insistia na *vida* do discurso, mais precisamente no reconhecimento da presença do afeto. (O título completo do *Rapport de Paris* é “O discurso vivo, uma teoria psicanalítica do afeto”.) Dessa forma, também historicamente, ficavam evidentes pelo menos duas maneiras bem diferentes de conceber a simbolização e seu uso na prática psicanalítica.

4. Embora Alfred Lorenzer tenha escrito uma “Crítica ao conceito psicanalítico de símbolo”, não hesito em dizer que não existe um *único* conceito psicanalítico de símbolo, mas vários, de acordo com os principais autores. Para Lacan, levando em conta suas preciosas contribuições a respeito do real, do imaginário e do simbólico, tanto numa direção (RIS) como noutra (SIR), é notável sua maneira de definir o simbólico como “norma que preside a estruturação das estruturas”. Nesse sentido, a psicanálise lacaniana transcorre como um constante recurso à função simbólica a *presidir* a estruturação da linguagem do inconsciente.

Para André Green, a proposta psicanalítica toma a presença do afeto na escolha e do significado de determinado significante, levando em conta seu inevitável deslizamento. Dessa forma, somos convidados a assistir ao nascimento do símbolo na forma como o inconsciente *escolhe* a melhor maneira de se manifestar. Num artigo que escreveu para o Congresso de Santiago (sobre representação e afeto), André Green nos mostra como, no nível do inconsciente, tanto o paciente como o analista escolhem e ligam determinado sentido a determinado significante, dando-lhe um significado vivo. (Evidentemente, haveria muito mais coisas a dizer sobre essa contribuição de Green, a respeito de uma concepção psicanalítica do símbolo levando em conta a presença dos afetos.)

Para Melanie Klein, surpreendentemente, o que está por trás de sua concepção de símbolo na prática psicanalítica é muito mais o conceito arcaico, tal como utilizado por Homero na *Odisséia*, e do qual o *Dicionário* de Bailly nos dá a seguinte referência, por mim desenvolvida:

O símbolo era um objeto primitivamente uno, que duas ou mais pessoas repartem entre si no momento em que vão separar-se. Cada qual conserva seu fragmento durante o tempo da separação. Quando mais tarde se reencontram, elas se servem de seus fragmentos para se fazerem reconhecer. Em se reconhecendo, elas juntam os fragmentos, e refazem a união primitiva, num todo novo que leva em conta as marcas adquiridas durante a separação. Dessa forma, num todo novo, também elas adquirem um nome novo, para expressar seu novo lugar e sua nova função no todo reconstituído.

De certa forma, semelhante concepção de símbolo acaba sendo um belo resumo da psicanálise kleiniana, com ênfase na relação mãe-bebê, desde o momento da concepção, a vida intra-uterina, o nascimento, o corte do cordão umbilical, a separação, a infância e a adolescência, com as marcas que cada um desses períodos foi deixando na estrutura mental de cada indivíduo. Alguns temas de Melanie Klein são reveladores de semelhante influência do símbolo em sua prática psicanalítica. Por exemplo: *Da importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego, Amor, culpa e reparação, Inveja e gratidão*. Sem falar de todos os textos em que ela analisa os vaivéns da relação mãe-bebê.

5. Ao aceitar o convite da *Revista Brasileira de Psicanálise* para me manifestar sobre a entrevista de Carlos Vogt, minha intenção era mostrar apenas algumas das *ressonâncias* que a leitura despertou em mim. Haveria muito mais coisas a dizer, mas não agora. Em todo caso, não posso deixar de expressar meus agradecimentos à *Revista*, e mais especialmente a Vogt, colega e amigo da Unicamp, por esta oportunidade de refletir mais uma vez sobre assuntos tão fascinantes.

#### ***Posibles resonancias***

***Resumen:*** En su comentario a la entrevista que el profesor Carlos Vogt concedió a la RBP, el autor teje consideraciones sobre la epistemología del psicoanálisis, en diálogo con las otras ciencias, enfatizando su originalidad. Como ejemplo menciona la cuestión de la verdad en la investigación psicoanalítica, tanto en la forma de su coherencia, como de correspondencia y consenso simbólico. Retomando una de las ideas de Vogt, el autor comenta el uso de la analogía simbólica, principalmente en el psicoanálisis de Bion y Melanie Klein. Termina recomendando la continuación del diálogo con Vogt sobre estos y otros asuntos por él mencionados.

***Palabras claves:*** epistemología del psicoanálisis; analogía simbólica; verdad; diálogo interdisciplinar.

#### ***Possible resonances***

***Abstract:*** After reading professor Carlos Vogt's interview to the RBP, the author makes statements about the epistemology of psychoanalysis while dialoguing with other sciences, emphasizing its originality. He mentions as an example that the issue of truth in the psychoanalytical investigation is present both in the form of coherence as well as in correspondence and symbolic consensus. One of Vogt's ideas is reconsidered by the author, who comments the usage of symbolic analogy, mainly in Bion's and Melanie Klein's psychoanalysis. He ends this comment by recommending that dialogue should be maintained with Vogt in respect to this one and other issues mentioned by him.

***Keywords:*** epistemology of psychoanalysis; symbolic analogy; truth; interdisciplinary dialogue.

[Recebido em 26.3.2008; aceito em 28.3.2008]

Antonio Muniz de Rezende

[Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo SBPSP]

Rua Bernardo José Sampaio, 339/33 – Vila Estádio

13020-450 – Campinas SP – Brasil

Tel. 55 19 3233-3601

amurez@yahoo.com.br